



ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR NO INTERVALO: TRABALHANDO O SENTIDO DA VISÃO COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

TASSYA HEMILIA PORTO GOMES-1

DENISE MANFRIN BENEDICTO-2

DENISE DE FREITAS-3

1-Universidade Federal de São Carlos
2-Universidade Federal de São Carlos
3-Universidade Federal de São Carlos

O direito à educação a todos os indivíduos é um dos requisitos para o “acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade”. Além de ser um direito a todos os seres humanos, a educação possibilita que os indivíduos possam “usufruir de outros direitos constituídos numa sociedade democrática” (GADOTTI, 2005, p.2).

Na conferência de Hamburgo sobre a educação de adultos em 1997, foi discutido que a educação não-formal é um dos desafios globais para o século 21 para responder aos respectivos temas: democracia, paz e direitos humanos, respeito pela diversidade, resolução de conflitos, sustentabilidade econômica e ecológica e desenvolvimento da força de trabalho (SESI/UNESCO 1999). De acordo com a UNESCO nas últimas décadas, a educação não-formal se expandiu muito em todo o mundo e se tornou um elemento indispensável para educação ao longo da vida (BRASIL, 1995-2010).

De acordo com Gadotti (2005), a educação formal está bem representada nas escolas e universidades tendo como diretriz educacional uma centralização no currículo com a presença de estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. No entanto, a educação não-formal é menos hierárquica e burocrática, e portanto, mais difusa.

La Belle (1982) citada por Gadotti (2005, p. 2) define educação não-formal como sendo “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”.

Segundo Maria da Glória Gohn (1999:98-99) também citada por Gadotti (2005, p. 3), a educação não-formal:

“[...] designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de

organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados. Por isso, ela também é, muitas vezes, associada à educação popular e à educação comunitária”.

Na educação formal, sabemos que são os professores responsáveis pelo ensino, enquanto que na educação não-formal, o grande educador do qual interagimos é o outro (Gohn, 2006). Os programas de educação não-formal não seguem um sequência hierarquizada de progressão. Os assuntos trabalhados podem ter duração variável com certificados ou não de aprendizagem.

Segundo Gadotti (2005), o intuito não é opor a educação formal à educação não-formal, mas conhecer melhor as potencialidades das diferentes formas de educação, no sentido de harmonizá-las em benefício de todos e, particularmente, dos indivíduos.

Neste trabalho, compreendemos que a educação não-formal e a interdisciplinaridade aplicadas no contexto do espaço escolar, especificamente, no intervalo de aulas constitui-se, também, como mais uma via de educação, portanto, de acesso à aprendizagem.

Morin (2001 p. 4) interpreta interdisciplinaridade dizendo que: “[...] o ensino por disciplina, fragmentado e dividido, impede a capacidade natural que o espírito tem de contextualizar. É essa capacidade que deve ser estimulada e desenvolvida pelo ensino, a de ligar as partes ao todo e o todo às partes”. Portanto, desconstruir o ensino da maneira tradicional como é conduzido e reconstruir de uma maneira desfragmentada são tarefas extremamente difíceis na escola.

Com esse intuito, o objetivo da atividade baseou-se na busca por uma abordagem interdisciplinar sobre a temática “o sentido da visão” e foi direcionada aos alunos do Ensino Fundamental e Médio no intervalo da escola Conde do Pinhal, na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, no âmbito das

ações do PIBID-Biologia. Além disso, as atividades trabalhadas nesse espaço também tiveram como meta focalizar e sensibilizar os alunos sobre a problemática das deficiências visuais de modo que algumas atividades indagavam sobre como seria viver na sociedade sem esse sentido que nos é tão forte para visualizar o mundo externo.

Orientadas pelo desafio de realizar conexões necessárias sobre os assuntos estudados no contexto escolar desenvolvemos a atividade sobre “o sentido da visão” com uma sequência de intervenções no intervalo de aulas na escola que visavam o alcance do objetivo por meio de parcerias com os colegas de outros cursos de licenciatura, ou seja, de forma interdisciplinar. Por ser uma atividade realizada no intervalo, o pátio foi o ambiente escolhido como o mais apropriado.

Assim, essas atividades foram compostas por duas áreas: Biologia e Letras (espanhol e inglês). No pátio da escola, na área onde ocorrem os teatros, cobrimos todo o espaço com tecido TNT preto para impedir a visualização por parte das pessoas que estivessem no pátio garantindo, assim uma certa privacidade no local onde seria realizada a atividade. Neste espaço montamos uma mesa com equipamentos eletrônicos (Notebook e Datashow) para mostrar imagens ópticas. Em outra mesa foram colocadas pequenas peças com o formato do alfabeto. E na parede foram colados textos na língua inglesa como, por exemplo, poemas em alto relevo, palavras repetidas e que revelavam o significado das figuras e, por último, emprestamos uma bengala do “Espaço Braille” da cidade de São Carlos, do qual é utilizado por deficientes visuais.

Os alunos do Ensino Fundamental, logo que chegavam nesse espaço deparavam-se com imagens de ilusões ópticas projetadas na parede pelo Datashow. A intenção era que houvesse um momento lúdico, um espaço para descontração e diversão. Mostrou-se, através de uma imagem, o olho humano, para explicar como esses órgãos dos sentidos são responsáveis pela captação de imagens e como essas interpretações são levadas até o nosso cérebro. Embora nesse bloco de atividade as explicações não tenham sido só dos conteúdos disciplinares, os alunos numa perspectiva mais lúdica poderiam aliar em parte, com o aprendizado de conhecimentos escolares.

Para outros alunos foi oferecida a colocação de uma venda nos olhos. Um colega teria que conduzir o outro por entre os obstáculos e direcioná-lo até uma mesa onde estavam peças com formato de letras do alfabeto. Ali, o aluno vendado teria de tatear as letras, adivinhar o que estava em suas mãos e

montar uma palavra com a ajuda do amigo, caso este apoio fosse necessário. Muitos escreveram os próprios nomes ou dos amigos. Para esta atividade, também poderia ser usada a bengala. Durante esta parte da atividade foi questionado sobre a sensação de estarem vendados, alguns disseram: “Ruim”, “Sensação estranha”. Ao perguntar para o colega que o ajudava qual era a sensação de ajudar uma pessoa com deficiência visual o tempo todo, ele dizia: “Ajudaria apenas a atravessar a rua”.

Um terceiro momento abordado foram os cartazes colados na parede. Ainda vendados, os alunos passaram os dedos sobre as palavras em alto-relevo e teriam de adivinhar as letras. Poderiam ainda, agora sem a venda, traduzir palavras que estavam em inglês ou, até mesmo, por analogia das palavras em formato de figura, saber a tradução das palavras. Um exemplo pode ilustrar essa atividade: uma figura com a palavra “falling” foi desenhada no cartaz como se estivesse caindo, inclinada. Com um pouco de auxílio e interpretação da figura, eles conseguiam traduzir a palavra. Outra figura interessante foi a de uma borboleta e ela era formada por palavras repetidas com a palavra “fly”. As mesmas atividades foram repetidas com o Ensino Médio.

Em alguns momentos, o foco da atividade para alguns bolsistas das áreas de Letras e Biologia voltou-se para as interpretações de como o cérebro faz a captação e, principalmente, a interpretação de imagens. É importante destacar aqui, que a atividade foi desenvolvida no intervalo de aulas e uma abordagem mais complexa não seria adequada. Também, não haveria tempo para explicar algo que possivelmente eles não tivessem visto o conteúdo em aulas com os seus professores. Não era intenção conduzir a formação do conceito, mas sim produzir uma atividade de distração e aprendizado espontâneo, os quais poderiam ser adquiridos pelas experiências vivenciadas no momento.

No intervalo do Ensino Médio durante a atividade da venda nos olhos, os alunos ao serem questionados tanto por bolsistas da área de Letras quanto da área de Biologia disseram-nos que a ajuda para os portadores de deficiência visual só seria oferecida em momentos necessários e específicos. Acreditamos que essa posição dos alunos pode ser em função deles não terem suporte disponível e suficiente (por exemplo, o tempo) para cuidar de uma pessoa com deficiência e, provavelmente, teriam de dispensar parte de seus momentos para auxiliar aquele que necessita; pode ser, também, que no caso de um parente eles tivessem respondido de forma diferente, mas isso não foi verificado.

Sobre a atividade do cartaz colado na parede, alguns alunos tinham conhecimento do inglês e sabiam o significado das palavras sem dificuldades. No entanto, outros alunos demoravam a compreender, mas no final, com auxílio de bolsistas de ambas as áreas, entendiam as palavras e o significado da figura.

Embora a interdisciplinaridade seja algo muito discutido e difícil de alcançar, ela aconteceu de forma efetiva nessa atividade, pois as áreas não ficaram focadas somente no seu tema, o que possibilitou uma circulação dos bolsistas por todas as ações planejadas. Portanto, a abordagem na interdisciplinaridade tornou-se importante aos alunos, pois permitiu que houvesse aprendizagem e integração dos conteúdos deixando de lado, um ponto de vista fragmentado e específico de cada área.

A atividade nos fez refletir bastante sobre algumas manifestações dos alunos durante a abordagem da sensibilização das deficiências visuais. Algumas afirmações dos alunos do Ensino Médio durante as ações corroboram com a interpretação que tivemos: “Nossa, não dá mais para ficar com essa venda”, ou seja, acreditamos que se uma pessoa perder a visão enquanto é adulta, as adaptações se tornam um pouco mais difíceis, porém, não passível de aprendizado sobre o mundo que agora o deficiente visual não vê. É possível, sem dúvida, alguns com mais facilidade de aprendizado, outros com mais dificuldades, porém, nada impossível. Entretanto, quando a pessoa já nasce com a deficiência, as adaptações ao mundo invisível são adquiridas mais facilmente, pois a medida que ele desenvolve as habilidades para aprender a falar, ouvir, andar e outras funções necessárias, ele aprende a “ver” o mundo com outros sentidos, já que eles se tornam mais aguçados como, por exemplo, o tato e a audição.

Por fim, aquele que não pode fazer parte do círculo social visual, e que necessita utilizar outros sentidos, tem uma grande desvalorização e desvantagem na sociedade, porém, do mesmo jeito que nós, detentores da visão, as pessoas com necessidades especiais, em específico, deficientes visuais, buscam viver, ter comida, ter a arte, a diversão, o amor, a cultura, o emprego e muitos mais que isso, buscam ser respeitados como seres humanos e reconhecidos nas suas diferenças (MELO, 2010).

Referências Bibliográficas

BRASIL (1995-2010). Histórico da UNESCO. Disponível em <<http://www.unesco.org/pt/confinteavi/background/>>. Acesso em 07 set. 2012.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. Institut International des Droits de l'enfant (IDE). In: Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Suisse, 2005.

GOHN, M. G. Educação não-formal na pedagogia social. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006

MELO, F. Sobre a cegueira. Revista Filosofia, 2010. Disponível em <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/36/artigo257193-1.asp>>. Acesso em 28. Agosto. 2012.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. (2001). Disponível em <<http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/setesaberes.pdf>>. Acesso em 9 Setembro 2012.

UNESCO - Conferência internacional sobre a educação de adultos (V: 1997: Hamburgo, Alemanha): Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. Brasília: SESI/UNESCO, 1999. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>> Acesso em: 9 de setembro de 2012

Área: Educação - Ensino de Biologia

Palavras-chave: educação não-formal, interdisciplinaridade, atividades de percepção